

## **SUBJETIVIDADE E OPRESSÃO: UM RECORTE DE GÊNERO NO NEOLIBERALISMO**

Projeto de Pesquisa apresentado à FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo como pré-requisito para obtenção da Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE).

Processo nº. 2022/08490-6

Bolsista: Ana Júlia Diniz Neves do Lago

Orientador: Prof. Dr. Hélio Alexandre da Silva

Supervisor no Exterior: Prof. Dr. Pierre Sauvêtre

Instituição-destino: Universidade Paris-Nanterre

## RESUMO

Este projeto tem como objetivo a realização de um aprofundamento bibliográfico com vistas à uma melhor compreensão teórica dos conceitos de neoliberalismo, subjetividade e opressão, mobilizados, em especial, na obra *A nova razão do mundo* (2017) de Christian Laval e Pierre Dardot e também na obra *Interseccionalidade* (2021) de Patricia Hill Collins e Sirma Bilge. Esses são conceitos fundamentais para o desenvolvimento da crítica ao neoliberalismo, como pretende-se no projeto inicial de iniciação científica “Liberdades e opressões: a interseccionalidade como crítica do neoliberalismo”. Desse modo, ao pensar a complexidade da realidade social e as desigualdades nela presentes, se faz necessário investigar com uma atenção particular o caso de grupos em desvantagem social, como é o caso das mulheres. Tendo isso em vista, propõe-se que o objetivo desejado se desenvolva com a orientação de Pierre Sauvêtre, professor da Universidade Paris-Nanterre, com a participação nas aulas por ele ministradas e no Grupo de Estudos GENA (Groupe d'Etudes du Néolibéralisme et des Alternatives), no qual esses temas são frequentemente discutidos. Para justificar o atual projeto, é traçado um panorama expondo os contornos do neoliberalismo para contextualizar esse debate. Em seguida, a subjetividade é abordada com o destaque para a forma como a lógica neoliberal a influencia, ao mesmo tempo que depende dela para seu funcionamento. Por fim, partindo das discussões anteriores, situa-se a posição das mulheres e como são oprimidas por meio da subjetividade neoliberal.

## INTRODUÇÃO

O projeto original de iniciação científica tem como proposta uma análise comparativa entre duas obras, *A nova razão do mundo* (2017) e *Interseccionalidade* (2021), que discutem temas de emergência atual, a saber, o neoliberalismo e a interseccionalidade. Assim, o objetivo apresentado nesta proposta pretende enriquecer a pesquisa já em desenvolvimento com bolsa FAPESP<sup>1</sup> com o aprofundamento bibliográfico com vistas à melhor compreensão teórica dos conceitos de neoliberalismo, subjetividade e opressão, a partir da supervisão de Pierre Sauvêtre, professor da Universidade Paris-Nanterre. Tendo isso em vista, o atual projeto será dividido em três momentos: (1) contextualização do debate sobre neoliberalismo para estabelecer seus contornos fundamentais; (2) discussão sobre o aspecto particular da subjetividade no contexto de neoliberalismo; (3) inserção

---

<sup>1</sup> Processo nº. 2022/08490-6, projeto intitulado “Liberdades e opressões: a interseccionalidade como crítica do neoliberalismo”, sob orientação do Prof. Dr. Hélio Alexandre da Silva.

da relação de gênero para a análise particular de opressões no neoliberalismo, a partir dos conceitos anteriormente discutidos.

## **Neoliberalismo e a nova razão do mundo**

A definição de neoliberalismo, como pensada e adotada por este projeto e pelo projeto de iniciação científica em desenvolvimento com bolsa FAPESP, segue o que foi pontuado por Christian Laval e Pierre Dardot em *A nova razão do mundo* (2017). Portanto, segundo os autores:

O neoliberalismo é a razão do capitalismo contemporâneo, de um capitalismo desimpedido de suas referências arcaizantes e plenamente assumido como construção histórica e norma geral de vida. O neoliberalismo pode ser definido como o conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência. (p. 17)

Assim, o neoliberalismo se apresenta como uma novidade no contexto do capitalismo, sendo mais do que apenas a adaptação e continuação do liberalismo em um contexto posterior a inúmeras crises econômicas e sociais, mas um sistema de normas dotado de características próprias que atua em todas as áreas da vida social. Nesse sentido, é preciso compreender que a transição do pensamento liberal para o neoliberal é formada por mudanças substanciais no papel do Estado e na influência sobre os indivíduos submetidos a esse sistema de alcance universal.

Tendo isso em vista, para melhor análise do que foi a crise do liberalismo que se inicia no século XIX e o acompanha no século XX, pontua-se que os dogmas liberais não eram suficientes para explicar a dinâmica econômica e as reivindicações sociais da época, além de que a mão invisível do mercado não conseguia, por si só, equilibrar a dinâmica mercadológica. Isso muito se relaciona a uma mudança na organização empresarial e no surgimento de cartéis e oligopólios, fatores que implicam em uma divergência na interpretação inicial dos pensadores liberais. Juntamente a isso, a dissonância entre as correntes liberais e as crescentes reivindicações sociais que pedem por mais direitos trabalhistas abrem espaço para que uma crise se instaure. Com isso, também, o ideal de um Estado mínimo que se exime de qualquer responsabilidade econômica e social não é mais plausível e a formulação do que será o neoliberalismo compreende esse fator, de modo a alocar esta instituição em uma posição estratégica, o que será discutido futuramente.

Dessa forma, é fundamental situar dois momentos chave para a transformação e construção do neoliberalismo. O primeiro reside na desmistificação do Estado, o qual começa a ser visto como uma criação humana baseada na experiência e consentimento das pessoas. Isso implica em uma

mudança tanto na forma como os indivíduos se portam frente a ele, como nos papéis que ele desempenha na sociedade. Por outro lado, o segundo momento consiste na transposição da teoria da evolução das espécies de Charles Darwin para as relações sociais a partir de uma releitura distorcida de Herbert Spencer do que seria seleção natural. Assim, esta seleção estaria baseada na luta direta entre raças e classes sociais e isso, por sua vez, legitimaria um concorrencialismo social, já que há a necessidade da luta pela sobrevivência. Nesse ponto se marca uma das características mais fundamentais da mudança do liberalismo para o neoliberalismo: há uma transferência do eixo central da organização capitalista da divisão do trabalho para o da lógica concorrencial (DARDOT; LAVAL, 2017, p.53).

O estabelecimento e compreensão desses dois aspectos se dá no sentido de que ambos permeiam e influenciam diretamente nas funções desempenhadas pelo Estado e na forma como os indivíduos atuam em todos os aspectos de suas vidas. Assim, enquanto no liberalismo o Estado é pensado como um obstáculo a qualquer atividade econômica, no neoliberalismo ele passa a ser manipulado de acordo com os interesses do mercado. Nesse viés, enquanto ele é mobilizado estrategicamente e propositalmente em momentos de crise para evitar problemas para o setor empresarial privado, ele também é cada vez mais reduzido quando se trata de resolver questões de cunho social, porque qualquer intervenção estatal é vista como uma forma de prejudicar aqueles que são, naturalmente, mais aptos, em benefício daqueles que não são capazes, por si mesmos, de garantir suas sobrevivências.

Isso mostra que, ao contrário do que os pensadores liberais desejavam, ou seja, um Estado completamente afastado de responsabilidades de cunho intervencionista, no neoliberalismo ele é intencionalmente mobilizado para se manter fora dos assuntos referentes às necessidades da população, mas requerido, quando preciso, para salvar o mercado de suas crises. Compreender essa relação é de extrema relevância porque indica como o Estado possui, de fato, um papel dentro do neoliberalismo, ainda que seja o de interferir o menos possível. Desta maneira, Dardot e Laval (2017) afirmam que

Muito frequentemente esquecemos que o neoliberalismo não procura tanto a “retirada” do Estado e a ampliação dos domínios da acumulação do capital quanto a transformação da ação pública, tornando o Estado uma esfera que também é regida por regras de concorrência e submetida a exigências de eficácia semelhantes às daquelas a que se sujeitam as empresas privadas. (p.268)

O Estado precisa se adequar a esses padrões para se manter competitivo a nível internacional e garantir a sua máxima eficiência interna. Portanto, o estabelecimento de metas, teto de gastos e

redução de custos são todos artifícios para garantir o funcionamento ideal dessa instituição. Assim, “[...] o neoliberalismo político sofreu uma radicalização quando enxergou a concorrência como o instrumento mais eficiente para melhorar o desempenho da ação pública.” (DARDOT; LAVAL, 2017, p.271). Com isso, justifica-se, por sua vez, a impossibilidade de realizar políticas sociais, vistas como gastos elevados, levando a um corte nas medidas tomadas para o combate da desigualdade social.

É a partir desse âmago que é possível explorar como o princípio universal da concorrência se estabelece como guia da forma de governo das pessoas, uma vez que interfere tanto na esfera macro - o Estado - como na micro - os indivíduos. Dessa forma, não apenas age diretamente através de políticas concretas, ou da ausência delas, promovidas pelo Estado, mas também através da internalização e incorporação subjetiva de normas concorrenciais, já que há uma legitimação e um incentivo à concorrência exacerbada, vista como motor natural do desenvolvimento da sociedade. É importante pontuar que, nesse contexto, aqueles que não se adequam a essa dinâmica, são considerados entraves ao progresso social (DARDOT; LAVAL, 2017, p. 54) e isso é intensificado quando somado ao abandono estatal das funções de promoção de políticas sociais, pois a população é deixada sem amparo público frente às dificuldades da realidade social, inclusive - e, talvez, principalmente<sup>2</sup> - das dinâmicas injustas do mercado de trabalho.

Isto posto, o debate sobre neoliberalismo exige que as relações sociais sejam compreendidas em sua complexidade e a opressão advinda dessa nova forma de governo não se localiza apenas no âmbito econômico, mas alcança todos os âmbitos da vida social. Há uma “gestão de mentes” (DARDOT; LAVAL, 2017, p. 325) que é promovida por essa face do capitalismo e que impõe uma concorrência exacerbada no mercado de trabalho e em todas as relações sociais. Esse é um ponto chave para compreender a dominação neoliberal, pois ela atinge o mais particular dos indivíduos, instaurando o princípio universal da concorrência como modo de vida a ser seguido em tempo integral. É importante ressaltar que nem todos são atingidos por essas normas da mesma forma, de modo que aspectos de gênero, raça, classe e outras relações desiguais implicam em uma maneira distinta de manifestação dessa lógica.

### **A subjetividade no neoliberalismo**

---

<sup>2</sup> Neste momento, a escolha de termos diz respeito à compreensão de que o sistema capitalista e, mais especificamente, o neoliberalismo, permeia todas as relações sociais e o fator econômico, com uma organização de classes sociais marcada por uma grande desigualdade, é impossível de ser dissociado e desconsiderado como central nesse debate.

Se “[...] o capitalismo se reorganizou sobre novas bases, cuja mola é a instauração da concorrência generalizada, inclusive na esfera da subjetividade” (DARDOT; LAVAL, 2017, pp. 201-202) é essencial discutir como o neoliberalismo extrapola os limites do setor econômico e se enraíza como modo de vida. Sendo assim, neste momento importa menos como o Estado é modificado para atender aos interesses do mercado, e mais como há uma normatividade concorrencial que guia, influencia e manipula as pessoas de maneira coletiva e individualmente, sem, evidentemente, menosprezar os efeitos do primeiro para a formação do segundo.<sup>3</sup>

No âmbito coletivo, as relações sociais foram profundamente alteradas para satisfazer aos objetivos neoliberais, constituindo uma violência do capitalismo que transforma essas relações em dinâmicas mercantis e torna as interações entre pessoas em associações entre empresas. Com isso, há uma destruição do vínculo social que é intensificado tanto pelo individualismo regido por normas empresariais de eficiência, quanto pela constante desconfiança entre os indivíduos que enxergam uns aos outros como concorrentes. Isso tudo se constrói e se firma em um ambiente de mercado que também não é mais natural, com a livre circulação de mercadorias como pensava o liberalismo, é um processo completamente regulado que “[...] utiliza de motivações psicológicas e competências específicas” (DARDOT; LAVAL, 2017, p. 139).

Nesse segmento, já no âmbito individual, observa-se que os sujeitos são condicionados a essa forma de vida que prega a máxima concorrência não por uma motivação voluntária, mas sim por uma “gestão de mentes” (DARDOT; LAVAL, 2017, p. 325) que promoveu, ao longo de décadas, a imposição dessa racionalidade como única maneira possível de se viver. Tendo isso em vista, os indivíduos são tratados como empresas, internamente assumindo compromissos com produtividade, eficiência e vigilância constante de si, tudo para não perderem espaço na intensa competição na qual estão inseridos.

Dessa forma, o sujeito em seu trabalho não é apenas um trabalhador, mas produz bem-estar, prazer e felicidade em todos os âmbitos de sua vida e, dessa maneira, é preciso que seja vigiado constantemente para que haja a garantia de sua utilidade e produção de felicidade. Nota-se, aqui, um dos momentos de transbordamento da lógica neoliberal para fora da esfera puramente econômica do trabalho e das trocas comerciais, uma vez que todas as áreas da vida estão interconectadas e, com isso, o trabalho é mais do que uma atividade isolada, já que a forma como o indivíduo se porta nele influencia outros momentos de sua vida, devido a uma reprodução e assimilação de expectativas sobre

---

<sup>3</sup> É fundamental acentuar que o capitalismo e, incluindo assim, o setor econômico, permeia e modifica todas as áreas da vida social, principalmente ao relacionar a importância do trabalho para o desenvolvimento de outros setores da vida. Aqui é feita essa colocação para se pensar e dar destaque ao fato de que o neoliberalismo, para além de uma corrente teórica que dá continuidade ao liberalismo com algumas alterações – e este visto apenas como uma questão isolada do mercado –, possui uma complexidade que altera violenta e intensamente toda a vida social.

seus comportamentos. Um exemplo disso é a correlação entre o sucesso no ambiente de trabalho e o sucesso na vida pessoal, que, nessa lógica, são tratados como sinônimos.

Ao estabelecer esse panorama amplo, é possível evidenciar a grande influência do mercado sobre a subjetividade de cada indivíduo. Isso porque o neoliberalismo faz com que o mercado seja mais do que uma área econômica isolada para trocas comerciais, de modo que se expande e influencia diretamente na maneira como as pessoas se relacionam entre si e consigo mesmas. Logo, como postulam Dardot e Laval,

O mercado é concebido, portanto, como um processo de autoformação do sujeito econômico, um processo subjetivo autoeducador e autodisciplinador, pelo qual o indivíduo aprende a se conduzir. O processo de mercado constrói seu próprio sujeito. Ele é autoconstrutivo. (2017, p. 140)

É dessa maneira que nota-se o surgimento de uma identidade e uma forma de vida particular do neoliberalismo: o sujeito neoliberal ou o neossujeito (DARDOT; LAVAL, 2017, p. 327). Cada indivíduo é visto como uma engrenagem na grande máquina do capitalismo e deve responder às necessidades que esta apresenta, sofrendo, portanto, uma coerção que impõe os meios de eficiência das empresas e implica na constante competição de todos. Ele deve, constantemente, se superar e aceitar os riscos que lhe são impostos, pois não há mais garantias, de modo que tudo deve ser conquistado e defendido a todo tempo (DARDOT; LAVAL, 2017, p. 336) e, portanto, para não ser excluído do jogo competitivo da sociedade, o neossujeito extrapola seus limites, aceita riscos e busca sempre aumentar sua eficiência. É fundamental compreender que isso é incorporado de maneira impositiva por esse processo subjetivo autoeducador e autodisciplinador promovido pelo neoliberalismo e não uma série de escolhas espontâneas de toda uma coletividade.

Isto posto, é possível estabelecer aqui o debate acerca da liberdade no neoliberalismo. Parte-se da ideia de que os indivíduos são dotados de razão e de plena consciência de seus interesses e, assim, são capazes de tomar as melhores decisões para alcançar seus objetivos frente ao mercado e quaisquer situações que se apresentem. Ao colocar essa noção de liberdade ao lado do concorrencialismo social, os indivíduos são direcionados para uma competição intensa com o pressuposto de que há um ambiente propício para uma concorrência justa e lhes é transposto toda a responsabilidade pelas ações tomadas em sua vida, tais quais os sucessos e fracassos.

O que não é abordado aqui é que, justamente, há uma racionalidade que impõe essa forma de vida e perpetua a falsa ideia de que se têm escolhas completamente livres quando, na realidade, é feito com que “[...] o indivíduo escolha “com toda a liberdade” o que deve obrigatoriamente escolher

pelo próprio interesse” (DARDOT; LAVAL, 2017, p .216). Assim, o indivíduo é moldado pela racionalidade neoliberal para que deseje alcançar a máxima eficiência, evidenciando, portanto, que suas escolhas não são completamente livres: são feitas dentro de uma gama de opções que visam um objetivo comum, o qual foi previamente definido como ideal de vida. Além disso, é incutido que o alcance da liberdade está ligado ao trabalho desempenhado e é através deste que se obtém a autonomia.

Nesse sentido, a liberdade pensada pelo neoliberalismo não prevê um agir e pensar verdadeiramente livres porque a racionalidade neoliberal trabalha a favor da máquina capitalista que exige a máxima eficiência em prol do capital. Por conseguinte, a liberdade só pode ser exercida se estiver dentro das condições pré estabelecidas pela lógica do neoliberalismo, o que constitui uma forma de opressão que age não exclusivamente por meios diretos, mas principalmente indiretos, através da subjetividade universalmente propagada como norma geral de vida. Aqui, a chave para pensar essa relação reside na compreensão de que, utilizando-se de motivações psicológicas (DARDOT; LAVAL, 2017, p. 139), o neoliberalismo manipula a subjetividade para guiar os indivíduos na direção desejada, e justamente por conta desse mecanismo, o modo de vida exigido consegue se sustentar. Portanto, a subjetividade no neoliberalismo tem uma importância fundamental, no sentido de que é a partir de seu controle, realizado por meio de uma imposição de normas, discursos e práticas, que é possível sustentar essas relações opressivas neoliberais.

### **Subjetividade e gênero no neoliberalismo**

Tendo em vista o debate sobre os contornos do neoliberalismo e a forma como a subjetividade é influenciada e manipulada nesse sistema, promovendo, conseqüentemente, opressão, é fundamental discutir como essas relações são experienciadas de maneira diferente por diversos grupos sociais. Neste projeto, objetiva-se explorar o caso particular das mulheres que, atravessadas por relações de gênero, constituem um grupo em desvantagem na hierarquia social em relação aos homens. Assim, os efeitos da subjetividade neoliberal e da opressão a ela atrelada atingem, evidentemente, a todos os indivíduos, mas não de maneira igual, sendo mais difícil para que mulheres consigam assegurar questões fundamentais no contexto de neoliberalismo.

Para tanto, utiliza-se da interseccionalidade enquanto ferramenta de investigação e *práxis* críticas para analisar a complexidade da realidade social com opressões que atravessam simultaneamente os indivíduos. Nesse sentido, as mulheres estão submetidas às dinâmicas do sistema capitalista e à toda lógica neoliberal, mas possuem um agravamento de sua condição ao estarem, ao mesmo tempo, sujeitas às opressões de um sistema desigual entre gêneros.

Isto posto, vale destacar que no neoliberalismo:

A corrosão progressiva dos direitos ligados aos *status* de trabalhador, a insegurança instilada pouco a pouco em todos os assalariados pelas ‘novas formas de emprego’ precárias, provisórias e temporárias, as facilidades cada vez maiores para demitir e a diminuição do poder de compra até o empobrecimento de frações inteiras das classes populares são elementos que produziram um aumento considerável do grau de dependência dos trabalhadores com relação aos empregadores (DARDOT; LAVAL, 2017, p. 329)

Assim, no que diz respeito ao grupo social de mulheres, essas condições são intensificadas, já que a elas são relegados postos e tarefas pouco valorizados – como é o caso dos trabalhos domésticos –, com salários baixos e, por vezes, em condições precárias. Neste momento, é possível mencionar o caso da indústria da moda, com destaque para as *sweatshops*, que empregam, majoritariamente mulheres, as quais são submetidas a extensas jornadas de trabalho com uma remuneração extremamente baixa.

Além disso, a pauta da justiça reprodutiva é de grande relevância no contexto neoliberal para pensar a relação entre os direitos nos âmbitos individuais e coletivos, uma vez que recai sobre as mulheres o peso do papel reprodutivo da sociedade. Assim, ao pensar que esse tema reivindica as seguintes noções:

1) direito de ter filhos nas condições de escolha própria; 2) direito de não ter filhos, fazendo o uso de controle de natalidade, aborto ou abstinência; 3) direito de ter filhos em ambientes seguros e saudáveis, livres de violência cometida por um indivíduo ou pelo Estado (COLLINS; BILGE, 2021, p. 132)

Nota-se que há uma imposição de expectativas sobre os corpos femininos que ainda têm que lidar, simultaneamente, com a pressão do mercado de trabalho e a competitividade em todas as áreas de suas vidas. Nesse sentido, destaca-se, também, que essa integração da vida pessoal e a profissional gera uma opressão particular sobre as pessoas atravessadas por essa relação de gênero e que é legitimada pela racionalidade neoliberal. Dessa forma, as mulheres são constrangidas a seguir as normas do mercado e se inserir em uma competição exacerbada, tendo que lutar constantemente por seus direitos. O ponto fundamental é compreender que o sistema neoliberal age no âmbito subjetivo desse grupo social, de modo que essas opressões passam como condições naturais da vida social, demandadas para o desenvolvimento da sociedade.

O projeto inicial de iniciação científica em desenvolvimento com bolsa FAPESP tem como objetivo compreender como a interseccionalidade pode contribuir para o enriquecimento da crítica ao neoliberalismo desenvolvida em *A nova razão do mundo* (2017) de Christian Laval e Pierre Dardot, pensando o caso particular da intersecção de gênero. Este projeto por sua vez, procura aprofundar os conhecimentos acerca dos conceitos de neoliberalismo, subjetividade e opressão sob a orientação do Professor Pierre Sauvêtre e a participação no laboratório *Sophiapol* na Universidade de Nanterre, a fim de melhor aprofundar a crítica ao neoliberalismo com a ajuda da interseccionalidade.

## OBJETIVO GERAL

- a) Aprofundamento bibliográfico com vistas à uma melhor compreensão teórica dos conceitos de neoliberalismo e subjetividade (desenvolvidos na obra *A Nova razão do mundo*, de Christian Laval e Pierre Dardot) sob supervisão de Pierre Sauvêtre. Esse objetivo será realizado através do acompanhamento das disciplinas ministradas pelo supervisor e da participação no Grupo de Estudos GENA (Groupe d'Etudes du Néolibéralisme et des Alternatives).

## OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Orientado pelo objetivo geral que guia esse projeto pretendemos:

1. Aprofundar o referencial bibliográfico a partir da orientação do Professor Pierre Sauvêtre, a fim de desenvolver um entendimento mais amplo do conceito de *neoliberalismo*. (2 meses)
2. Aprofundar o referencial bibliográfico a partir da orientação do Professor Pierre Sauvêtre, a fim de desenvolver uma maior compreensão sobre o conceito de *subjetividade* no neoliberalismo. (1 mês)
3. Aprofundar o referencial bibliográfico a partir da orientação do Professor Pierre Sauvêtre, a fim de desenvolver um entendimento mais ampliado sobre *opressão* no sistema neoliberal. (1 mês)

## METODOLOGIA

Pretende-se discutir os temas de relevância para o projeto, a saber o neoliberalismo, a subjetividade e a condição de gênero nesse contexto, através da participação no Grupo de estudos

GENA (Groupe d'Etudes du Néolibéralisme et des Alternatives) que atua no laboratório Sophiapol da Universidade de Nanterre, do acompanhamento das aulas ministradas por Pierre Sauvêtre, a saber, “Sociologia Política”, “Sociologia das ideologias políticas” e “Capitalismo e democracia”, e da leitura estrutural crítica, baseada na revisão bibliográfica de materiais indicados pelo supervisor no exterior.

## CRONOGRAMA

Cada um dos momentos do cronograma de execução apresentados a seguir será finalizado com uma reunião entre orientando e orientador.

- A) Realizar, no primeiro e no segundo mês, o objetivo apresentado em 1;
- B) Realizar, no terceiro mês, o objetivo apresentado em 2;
- C) Realizar, no quarto mês, o objetivo apresentado em 3.

## JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA DA INSTITUIÇÃO E DO GRUPO DE PESQUISA PARA O ESTÁGIO

A Universidade Paris Nanterre é uma conceituada instituição francesa de ensino superior. Nela, o laboratório e unidade de pesquisa *Sophiapol* reúne pesquisadores das áreas da sociologia, filosofia e antropologia a fim de desenvolver pesquisas e promover debates acerca de temas de extrema importância no âmbito das ciências humanas e sociais. Assim, o *Sophiapol* possui grande importância não só no contexto regional francês, mas em uma esfera global, com pesquisadores que realizam trabalhos com reverberação internacional.

Nesse sentido, entre os pesquisadores que compõem esse laboratório estão os autores de uma das obras fundamentais do projeto de pesquisa de iniciação científica em desenvolvimento com bolsa FAPESP, a saber, *A nova razão do mundo* (2017) de Pierre Dardot e Christian Laval. Dessa forma, o período na Universidade Paris Nanterre será de grande proveito para, não só, aprofundar os conhecimentos sobre neoliberalismo, mas expandir ainda mais a compreensão sobre essa face do sistema capitalista. Vale ressaltar também a oportunidade de discutir o tema no grupo de estudos GENA (Groupe d'Etudes du Néolibéralisme et des Alternatives) que conta com pesquisadores - inclusive o supervisor desta pesquisa no exterior, Pierre Sauvêtre -, que possuem trabalhos relevantes e ajudarão de maneira significativa no aprimoramento e desenvolvimento da pesquisa já em execução.

## GANHOS ACADÊMICOS ESPERADOS

O projeto de iniciação científica já em desenvolvimento com bolsa FAPESP procura discutir como o conceito de interseccionalidade, como pensado por Patricia Hill Collins e Sirma Bilge em *Interseccionalidade* (2021), pode contribuir para a crítica ao neoliberalismo, como pensada por Pierre Dardot e Christian Laval em *A nova razão do mundo* (2017). Particularmente, pretende-se investigar o caso da opressão neoliberal sobre as mulheres e como isso as afeta em diversas dinâmicas, como, por exemplo, na submissão a trabalhos precários e na pressão reprodutiva da sociedade. Com isso, os ganhos acadêmicos esperados com o período da Bolsa Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE) consistem no aprofundamento dos conhecimentos e estudos sobre neoliberalismo, em especial, da noção de subjetividade e de opressão e como ele se torna um aspecto central para compreender a dinâmica de dominação dessa face do sistema capitalista e como isso tem um efeito particular sobre as mulheres. Dessa forma, espera-se que, em contato com pesquisadores que se debruçam sobre esses temas, além de participar do grupo de estudos GENA (Groupe d'Etudes du Néolibéralisme et des Alternatives) e assistir as aulas ministradas por Pierre Sauvêtre (a saber, “Sociologia Política”, “Sociologia das ideologias políticas” e “Capitalismo e democracia”), o desenvolvimento do projeto de pesquisa seja enriquecido e seus objetivos sejam executados com maior aprofundamento.

#### PLANO DE ATIVIDADES PARA DIVULGAÇÃO E TRANSFERÊNCIA DO CONHECIMENTO ADQUIRIDO NO ESTÁGIO NO EXTERIOR A SER EXECUTADO NO RETORNO AO PAÍS

Os conhecimentos adquiridos durante o período de Estágio no Exterior serão compartilhados no Núcleo de Pesquisa em Ética, Filosofia e Teoria Política e Social (NéFiTs) durante as reuniões do núcleo. Além disso, o trabalho será apresentado no Congresso de Iniciação Científica da Unesp, que acontece anualmente, e haverá a divulgação por outros meios de comunicação da universidade, como a publicação de uma reportagem dentro do projeto “Unesp Franca Pesquisa” nas mídias sociais da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais e a realização de um vídeo sobre o Estágio no Exterior juntamente com meu orientador no país que será postado no canal do YouTube da faculdade.

#### FORMA DE ANÁLISE DE RESULTADOS

Os resultados serão analisados a partir do cumprimento dos objetivos geral e específicos apresentados. A elaboração do relatório final contará com a supervisão do orientador-pesquisador, a fim de orientar a superação de quaisquer pendências ou obstáculos que possam vir a surgir.

#### REFERÊNCIAS

BILGE, Sirma. Quand l'intersectionnalité interpelle le développement. In: LEVY, Charmain; MARTINEZ, Andrea (orgs.). Genre, féminismes et développement: une trilogie en construction. Ottawa, Presses de l'Université d'Ottawa, 2019. p. 405-424.

BROWN, Wendy. Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente. São Paulo: Politeia, 2019.

BUTLER, Judith. A força da não violência: um vínculo ético-político. Boitempo Editorial, 2021.

CHO, Sumi; CRENSHAW, Kimberlé; Williams; MCCALL, Leslie. Toward a Field of Intersectionality Studies: Theory, Applications, and Praxis. *Signs*, v.38, n.4, 2013. p.917-940. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/10.1086/669608?seq=1>>. Acesso em: 03 de fev. de 2022.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. Interseccionalidade. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

COLLINS, Patricia Hill. Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2022.

CRENSHAW, Kimberle. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. *University of Chicago Legal Forum*, v.1989, n.8, pp.139-167, 1989. Disponível em: <<http://chicagounbound.uchicago.edu/uclf>>. Acesso em: 03 de fev. de 2022.

\_\_\_\_\_. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, v. 10, n. 1, pp. 171-188, 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>>. Acesso em 03 de fev. de 2022.

\_\_\_\_\_. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. *Stanford Law Review*, vol.43, n.6, pp. 1241-1299, jul, 1991. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/1229039>>. Acesso em: 03 de fev. de 2022.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. A nova razão do mundo. Boitempo editorial, 2017

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. Neoliberalismo e subjetivação capitalista. **Revista Olho da História**, v. 22, 2016.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. O neoliberalismo, um sistema fora da democracia. **Revista Fevereiro: Política, Cultura e Teoria, São Paulo**, n. 9, 2016.

LAVAL, Christian. Precariedade como "estilo de vida" na era neoliberal. **Parágrafo**, v. 5, n. 1, p. 100-108, 2017.

FOUCAULT, Michel. Nascimento da biopolítica. Curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Exclusão e/ou desigualdade social? Questões teóricas e político-práticas. **Cadernos de Educação**, n. 37, 2010.